

PROCESSOS REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR: UM ESTUDO DO DIÁRIO DA DILMA

REFERENTIAL PROCEDURES IN HUMOR CONSTRUCTION: A STUDY ON DIÁRIO DA DILMA

*Jorge Luis Queiroz Carvalho*³²
*Francisco Vieira da Silva*³³
*Aurea Suely Zavam*³⁴

RESUMO: No artigo analisamos as estratégias que materializam a referenciação em excertos do Diário da Dilma com vistas a analisar o funcionamento do humor. O aparato teórico adotado se baseia no quadro da Linguística Textual. Como categorias analíticas, selecionamos as estratégias de retomada e de introdução de referentes. A análise apontou que o reconhecimento do projeto de dizer do enunciador que se manifesta por meio dos processos referenciais é um fator que agencia a constituição do humor e os sentidos do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Textual; Referenciação; Humor.

ABSTRACT: In this paper we analyze the strategies that materialize referentiation on excerpts from “Diário da Dilma” in order to analyze the way in which the humor is processed. The theoretical apparatus is based on Text Linguistics studies. As analytical categories, we selected the strategies of resumption and introduction of objects of discourse. The analysis pointed out that the recognition of the intention of the enunciator speech is manifested through referential processes is a factor that agency the humor and meanings of the text.

KEYWORDS: Text Linguistics; Referenciation; Humor.

1. Introdução

Os estudos desenvolvidos no âmbito da Linguística Textual, principalmente aqueles que recobrem o fenômeno da referenciação, têm apontado amiúde que a ação de retomar e recategorizar objetos na produção de sentidos nos domínios de um texto constitui-se numa atividade discursiva (KOCH, 2005; KOCH & ELIAS, 2013; MONDADA & DUBOIS, 2003). Nesse sentido, as formas através das quais o sujeito produtor de um texto tece relações entre os elementos linguísticos presentes na materialidade textual estão ancoradas nos objetivos pretendidos, isto é, num querer-dizer. Tem-se, assim, a permanente instauração de objetos de discurso, os quais demandam, por parte do interlocutor, a mobilização de conhecimentos socialmente partilhados, a fim de que possa compreender os sentidos do texto. Noutras palavras, os objetos de discurso não são dados *a priori*, senão construídos na interação, no caráter processual que a delinea.

Levando em consideração essas afirmações iniciais, estabelecemos como um dos objetivos para este artigo analisar os processos referenciais em textos humorísticos. Esse

³²Jorge Luis Queiroz Carvalho: Graduado em Letras - Habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: jorge_carvalho15@hotmail.com

³³Graduado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), mestre em Letras pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: franciscovieirariacho@hotmail.com

³⁴Graduação em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre e doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

interesse surgiu ao observamos que estudos nessa perspectiva são bastante produtivos e tem revelado diferentes perspectivas nas quais a referenciação pode ser investigada como ferramenta de ativação do humor, sem deixar de indicar lacunas que podem ser preenchidas com outros estudos que atentem para essa mesma temática. Pesquisas dessa natureza são encontradas, por exemplo, em trabalhos como o de Cavalcante e Santos (2012) que mostram que os processos referenciais agem na construção do humor de maneira implícita. Nesse estudo, as autoras demonstram que certos conhecimentos prévios atuam na reelaboração dos referentes e na construção do sentido dos textos em diferentes gêneros.

Nesse segmento, destacam-se também os trabalhos de Pontes (2008), que analisou, sob o prisma da referenciação, a produção do efeito de humor nos gêneros piada e causo. Acrescenta-se também a abordagem preconizada por Ramos (2012), na qual se observa o funcionamento dos processos referenciais na arquitetura do humor em tiras cômicas, bem como o estudo de Alves Filho e Alexandre (2012) a respeito da construção de objetos de discurso em perfis *fakes* do *Twitter*. O fio que alinhava esses estudos reside justamente na possibilidade de analisarmos as especificidades do humor, em diferentes gêneros discursivos, sob o horizonte teórico da Linguística Textual, com ênfase nas abordagens concernentes à referenciação.

Observa-se que, embora essa temática tenha sido bastante explorada, muitos estudos sinalizam para novos horizontes nos quais a referenciação pode ser abordada. Acreditamos que nosso trabalho pode contribuir com o debate em torno da referenciação na medida em que procuramos realizar um estudo que explora esse fenômeno em textos que satirizam uma figura pública e proeminente, a saber, a atual Presidente da República. Buscamos entender, assim, como a construção dos objetos de discursos em textos nos quais o enunciador mobiliza pontos de vista em nome de um sujeito satirizado pode revelar mais um aspecto dos processos referenciais e da deflagração do humor. Considerando que a *Dilma* representada nas páginas do *blog* trata-se de uma paródia da chefe do Estado brasileiro, esperamos que esta análise possa mostrar como os referentes são mobilizados na realidade elaborada pelo texto, levando em conta, principalmente, o recorte imposto pela personagem que recategoriza essa figura política de modo a atender seu projeto de dizer.

Interessa-nos saber como uma personagem *fake*, que apresenta ações retóricas circunscritas à função de entreter e proporcionar humor (ALVES FILHO; ALEXANDRE, 2012), articula as representações da realidade que ela mesmo elabora com as representações da realidade que apelam de maneira mais incisiva para o contexto sócio-histórico. Procuramos, de maneira mais específica, identificar como a introdução de diferentes objetos de discurso e suas recategorizações atuam como ferramentas que produzem os efeitos cômicos típicos desses textos atentando, sobretudo, para as posições do enunciador recategorizado e para os enunciados que se contrapõem ao que os interlocutores esperam da figura da presidente, historicamente atrelada a uma postura séria e destituída de comportamentos galhofeiros.

Para este empreendimento, seguimos uma abordagem qualitativa de base interpretativista e tomamos como base teórica os postulados de autores como Mondada e Dubois (1995), Koch (2005; 2012), Koch e Elias (2013), Cavalcante (2013) e Marcuschi (2005). Escolhemos um *corpus* formado por cinco excertos de textos publicados no *Diário da Dilma*, da Revista *piauí*³⁵ no ano de 2014. Justificamos a relevância desse estudo na medida em que observamos que os objetos de discurso construídos nos textos são recategorizados de maneira inesperada, provocando uma quebra de expectativas que instaura o humor, tendo em vista os efeitos de sentidos que decorrem desse processo, pois a referenciação, conforme afirmamos, consiste numa atividade discursiva na qual o sujeito produtor do texto empreende determinadas escolhas na (re)construção de objetos de discurso. No caso do *Diário da Dilma*, a (re)categorização dos objetos de discurso está intimamente relacionada ao tom satírico que o

³⁵ Grafamos em letra minúscula, de modo a sermos fiéis à escrita da revista, tal como ela se apresenta.

texto acarreta. Por essa razão, consideramos que uma investigação desses fenômenos linguísticos em textos satíricos pode colaborar para uma maior compreensão acerca da construção do sentido, uma vez que se observa que o sentido cômico se instaura justamente por sua relação com o que é mais ou menos imprevisível, recategorizável e com conhecimentos socialmente compartilhados.

O presente trabalho encontra-se estruturado do seguinte modo: na seção a seguir, discutiremos os postulados teóricos em torno da referenciação, atentando, inclusive, para as questões que se referem aos objetivos do gênero, no caso a paródia de um diário; posteriormente, tratamos de analisar o *corpus*, com vistas a cumprir com o escopo estabelecido. Na seção final, arrolamos algumas considerações em torno das peculiaridades advindas da análise realizada.

2. Considerações teóricas em torno da referenciação

Diferentes pesquisadores têm argumentado que a língua nos fornece meios para se referir às coisas do mundo e, do mesmo modo, não é arriscado asseverar que essa função da linguagem tem sido estudada por diferentes pesquisadores e em diferentes perspectivas teóricas. Diante dos diversos olhares já lançados sobre o fenômeno da referenciação, um retorno aos postulados mais gerais acerca dessa problemática se faz necessário para que possamos delimitar quais as perspectivas que nortearão nosso trabalho. Neste artigo, guiaremos-nos pelas concepções desenvolvidas no âmbito da Linguística Textual, que tem produzido reflexões profícuas acerca dos chamados *processos referenciais*.

A princípio, precisamos deixar claro que, em consonância com o que tem sido aceito nas proposições dos estudiosos dessa temática, compreendemos a referenciação como um processo relacionado a práticas discursivas e sociais. Nessa perspectiva, deixamos de lado uma concepção que parte da noção de referência enquanto modo de se referir ao mundo de maneira objetiva. É preciso deixar claro, assim, que a concepção de referência, tal como foi erigida no âmbito da Linguística Textual, tem passado por constantes (re)configurações e avanços, entre os quais podemos destacar o fato de que atualmente têm-se levado em consideração aspectos exteriores ao que é propriamente linguístico, trazendo à baila as dimensões socio-históricas nas quais os textos são engendrados e acolhendo, também, a diversidade de textos produzidos numa sociedade marcada pela heterogeneidade das semioses. Diante disso, a referenciação é passada a ser concebida como uma atividade oriunda de práticas simbólicas que dizem respeito à relação entre o texto e seu exterior, isto é, a parte não-linguística em que ele é produzido e interpretado (MONDADA & DUBOIS, 2003). Portanto, entendemos, na esteira de autores como Koch e Elias (2013), que a referenciação é uma atividade discursiva na qual um sujeito opera escolhas de acordo com sua proposta de sentido.

Numa posição semelhante, Cavalcante (2013) nos diz que os processos referenciais envolvem a construção de referentes – ou objetos de discurso – e podem ser caracterizados, *grosso modo*, a partir de três peculiaridades. Podemos falar de referenciação, portanto, enquanto uma *atividade discursiva de elaboração da realidade* na qual os referentes são compreendidos como representações discursivas construídas textualmente. Essa concepção mostra que os referentes não representam, necessariamente, eventos ou experiências reais, mas sim, uma reelaboração discursiva de eventos ou experiências para atingir determinados propósitos comunicativos. Nesse caso, a referenciação constrói uma representação simbólica do mundo. Por essa razão, não podemos compreender a referenciação como uma estratégia de representação real e objetiva do mundo, mas como uma forma de representá-lo no e pelo discurso. Tem-se, nos termos de Koch (2005), um processo de (re)construção do próprio real.

Essa característica parte do pressuposto de que o mundo real não é estável e, igualmente, as formas de se referir aos fatos desse mundo também não o são, pois se configuram num

constante processo de (re)elaboração que advém de práticas discursivas e, por isso, simbólicas. Nesse sentido, é possível que um mesmo referente esteja atrelado a representações discursivas distintas em um texto único ou em textos diferentes. No que concerne às modificações das representações discursivas do mesmo objeto de discurso em uma única materialidade textual, temos ciência de que os referentes podem ser recategorizados de diferentes maneiras. Com isso, um mesmo objeto de discurso pode ser relacionado a sentidos diversos durante o curso da progressão textual e a depender dos propósitos comunicativos do locutor.

Outra característica apresentada por Cavalcante (2013) leva-nos a concepção de que a referenciação trata-se de *uma negociação entre locutores*. Essa característica permite-nos compreender que o processo de elaboração da realidade não é totalmente subjetivo, ou seja, um indivíduo não pode criar uma elaboração da realidade de maneira unilateral, sem pressupor a existência de interlocutores. Nesse caso, a realidade é representada discursivamente a partir de uma troca entre os locutores, ou seja, ela é “resultante de *uma negociação entre os participantes*. Em vez de ser um processo subjetivo, trata-se de *um processo negociado, cooperativo, intersubjetivo*” (CAVALCANTE, 2013, p. 110, grifos da autora).

A referenciação também é entendida como um *trabalho sociocognitivo*, uma vez que os aspectos sociais são importantes para construção do sentido, pois nossas experiências e conhecimento de mundo exercem influência nos processos referenciais. Do mesmo modo, esse fenômeno demanda um esforço cognitivo na medida em que “a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem” (CAVALCANTE, 2013, p. 112). Acreditamos, portanto, que essas três particularidades da referenciação estão inter-relacionadas, pois, ao concebermos a referenciação como uma atividade discursiva de elaboração da realidade que se institui a partir de uma negociação entre locutores, também concebemos que essas duas características são inerentes ao trabalho sociocognitivo dos sujeitos.

Uma maneira de sintetizar as peculiaridades do fenômeno em discussão está em Mondada e Dubois (2003), para quem os objetos de discurso – através dos quais os sujeitos se referem e compreendem o mundo – são instáveis e dependem de operações cognitivas e de situações de interação. Para essas autoras, compreender o mundo pelo processo de referenciação não é uma operação objetiva, pois os objetos de discurso não são preexistentes, mas são elaborados nas atividades dos sujeitos. Esse postulado reafirma a discussão encontrada em Cavalcante (2013) de que não podemos conceber a referenciação como uma atividade objetiva, nem subjetiva, mas sim, negociada, amparada em práticas sociodiscursivas.

Pelo viés linguístico-textual de nossa abordagem, cabe ressaltar, ainda, que a referenciação pode ser evidenciada através de diferentes marcas. No que tange a sua materialização linguística, a referenciação envolve uma série de estratégias que dizem respeito à introdução, retomada e desfocalização dos objetos de discurso. Koch e Elias (2013) apresentam dois tipos de processos de introdução de referentes, a saber: a *ativação não-ancorada*, quando um objeto de discurso totalmente novo é introduzido no texto, e a *ativação ancorada*, quando um objeto de discurso é introduzido no texto com base no contexto sociocognitivo ou no cotexto. Cavalcante (2013) nos mostra que a ativação não-ancorada não pressupõe a existência de referentes anteriores que possam dar suporte a esse novo referente, portanto, trata-se de uma introdução referencial pura.

Já no que diz respeito à ativação ancorada, Koch e Elias (2013) apontam dois mecanismos linguísticos que podem atuar nesse processo: a anáfora indireta e anáfora associativa. A anáfora indireta acontece quando o elemento introduzido está ancorado no contexto. Nesse caso, a anáfora indireta não pressupõe um referente já marcado na materialidade textual, mas uma âncora que pode ser inferida através do contexto e/ou do trabalho sociocognitivo (CAVALCANTE, 2013). Nesse tipo de anáfora, conforme defende Marcuschi (2005), não ocorre uma retomada de referentes, mas sim uma ativação de novos

referentes, os quais se amparam em algum elemento do cotexto. Para que o interlocutor possa efetivamente compreender os efeitos de sentido que emergem dessa construção anafórica, é preciso partilhar de um certo saber enciclopédico e de um conhecimento de mundo, os quais permitem a (re)construção dos objetos de discurso (CAVALCANTE, 2013). A anáfora associativa, por sua vez, pressupõe uma estratégia na qual o novo referente é introduzido por meio de relações meronímicas, isto é, quando o referente introduzido apresenta uma relação semântica com outro referente já ancorado.

Além das anáforas direta e associativa, Koch e Elias (2013) apresentam as nominalizações, como exemplo de introdução ancorada de objetos de discurso. Esse tipo de introdução também é chamado de rotulação ou de anáfora encapsuladora (CAVALCANTE, 2013). Através dessa estratégia, o referente novo é introduzido a partir da sumarização de informações apresentadas na materialidade textual. Observamos que a rotulação, embora seja caracterizada por Koch e Elias (2013) como uma estratégia de introdução de referentes, também se relaciona a operação de retomada de referentes que já foram textualmente ancorados.

Em outras palavras, a operação de retomada, diferente da introdução, diz respeito à retomada de um objeto de discurso que já foi ancorado através de diferentes recursos como os já mencionados acima. Koch e Elias (2013) afirmam que a manutenção do referente pode mobilizar recursos gramaticais como “pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos” e recursos lexicais tais quais “itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais” (KOCH & ELIAS, 2013, p. 131).

A estratégia de retomar referentes, entre outras funções, contribui para a progressão textual e a permanência do foco em determinado objeto de discurso que pode ser retomado de diferentes formas. No entanto, esse processo pode ser inverso, ou seja, há a desfocalização de um objeto de discurso para introdução de outro. Nesse caso, o referente que está em destaque acaba perdendo o seu foco para outro referente que é introduzido e passa a ocupar o que Koch e Elias (2013) chamam de *posição focal*. Dessa maneira, percebemos o quanto o processo de referenciação é cíclico, pois um objeto de discurso que ocupa a posição focal pode ser substituído por outro através de uma nova introdução referencial, de modo a manter a continuidade tópica e discursiva do texto.

Na análise dos dados apresentada na seção a seguir, propomos uma exemplificação mais pormenorizada de como os processos referenciais atuam na construção de sentidos do texto humorístico.

3. Análise dos dados

Nesta seção apresentamos a análise dos dados com base nos pressupostos teóricos expostos anteriormente. A seleção do *corpus* ocorreu em função de incursões frequentes à página do *Diário da Dilma* na *web* (no site da revista *piauí*). A remissão ao tema da Copa do Mundo, regularidade presente na quase totalidade dos excertos selecionados, engata-se a uma série de outros discursos produzidos em função desse evento, principalmente na *internet*. Nesse sentido, os excertos do *Diário da Dilma* dialogam com esses discursos, na medida em que a revista *piauí*, seguindo uma tendência de outras revistas impressas, possui uma plataforma de interatividade com as redes sociais. Além disso, o humor da revista não está apartado de uma construção que a revista faz de si. Conforme destaca Carvalho e Sargentini (2010), a revista em foco nasceu com o propósito com os modelos da mídia tradicional, apresentando já no aspecto gráfico uma aparência de revista antiga. Nessa lógica, os textos que circulam nesse periódico distinguem-se dos que aparecem noutras revistas de variedades; assim, a especificidade do humor do *Diário da Dilma* sustenta-se nessa imagem vendida pela revista.

O estudo dos processos referenciais a seguir se deu a partir da análise de duas estratégias apontadas por Koch e Elias (2013): a introdução referencial por meio de anáforas e a retomada

de referentes. Os textos apresentados pretendem demonstrar como esses dois fenômenos se processam de modo a analisar como a introdução de diferentes objetos de discurso e suas recategorizações atuam na produção de sentidos nos textos humorísticos estudados. Destacamos, sobretudo, que a separação da análise em duas categorias é meramente didática, uma vez que o fenômeno da referenciação é dinâmico e podemos observar, nos exemplos abaixo, mecanismos referenciais que não necessariamente serão explorados na análise fragmentada por não atenderem aos objetivos propostos para este trabalho.

3.1 Processos anafóricos

Muitas vezes, no processo de referenciação, um novo objeto de discurso é introduzido com base em algum tipo de associação de elementos presentes no cotexto ou do contexto sociocognitivo, isto é, trata-se de uma ativação ancorada, pois o interlocutor necessita realizar um movimento de retomada, a fim de compreender os sentidos que emergem dessas estratégias de referenciação (KOCH & ELIAS, 2013). Dentre tais estratégias, destacam-se as *anáforas indiretas*, que, conforme já afirmamos, caracterizam-se pelo fato de não possuírem um elemento explícito antecedente, mas uma construção que ancora a referenciação, do ponto de vista do sentido, de modo a contribuir com a progressão referencial e tópica do texto.

Nos excertos do *Diário da Dilma*, a utilização da anáfora indireta pelo sujeito produtor do texto, ao mesmo tempo em que (re)categoriza determinados objetos de discurso, contribui sensivelmente para a constituição do humor do texto, pautado de maneira incisiva pela imagem da presidenta construída pelo *pseudodiário*. Nesse intento, vejamos os excertos a seguir:

- (1) 4 DE JULHO_**Brasil e Colômbia** daqui a pouco, ninguém quer saber do batente. Pra mim **esse jogo** não tem a menor graça. **Felipão** pode escalar quem quiser: **Paulinho, Fernandinho, Neymarzinho**: ninguém supre a ausência do **Luiz Gustavo. Aquele bigodinho** bate um bolão. Achei muito injusto o cartão amarelo contra o Chile (PIAUÍ, ed.95, grifo nosso)³⁶
- (2) 24 DE JUNHO_Pedi para o Mercadante agendar uma reunião urgentíssima com a **seleção da Itália**. De preferência, à luz de velas. *Champagne per brindare a un incontro/con te che già eri di un'altro*. **Eles** não podem sair da Copa dessa maneira. Pelo **Buffon** eu até esqueço o Lobão. (PIAUÍ, ed.94).

Nos excertos anteriormente expressos, alguns referentes ancoram-se não num termo explícito que poderia ser retomado, mas numa âncora, isto é, uma expressão ou contexto semântico decisivos para a interpretação desse tipo de anáfora (MARCUSCHI, 2005). Dessa forma, em (1), para que o interlocutor possa compreender a relação do objeto de discurso *esse jogo* com o nome dos dois países mencionados anteriormente, é necessário mobilizar estratégias cognitivas amparadas em conhecimentos de mundo e enciclopédicos, os quais são ativados através da introdução referencial *Brasil e Colômbia* e do dêitico *daqui há pouco*. A referência aos dois países, ao lado de uma expressão que denota temporalidade, indica duelo, um confronto entre ambas as nações. Além disso, a porção textual *ninguém quer sair pro batente* permite a inferência de que todos querem assistir ao referido duelo. Se considerarmos toda a relação passional e singular do torcedor brasileiro pelo futebol, é possível concluir que se trata desse esporte, antes mesmo do referente *esse jogo* aparecer. Outro conhecimento de mundo que ancora a anáfora indireta em foco diz respeito ao período em que o texto foi escrito, em meados de julho de 2014, período em que o Brasil sediava a Copa do Mundo de Futebol; ademais, a

³⁶ Todos os grifos em negrito nos excertos analisados foram destacados por nós como forma de ressaltar as estratégias de referenciação.

própria dimensão desse evento justifica o *pitaco* da presidenta. Todos esses *frames* precisam ser mobilizados para que o interlocutor entenda a utilização da anáfora indireta e os sentidos que dela decorrem.

De modo análogo, a manifestação do objeto de discurso *Felipão* como se fosse conhecido está pautada no modelo cognitivo que embasa essa estratégia de referenciação. Assim, é preciso que o interlocutor saiba que, na Copa de 2014, o técnico da seleção brasileira de futebol era Luís Felipe Scolari (Felipão), que, dentre outras funções, escalou os jogadores que entraram em campo para representar o Brasil. Nesse sentido, o item *esse jogo* constitui uma âncora com a qual a anáfora indireta *Felipão* relaciona-se. Além disso, destaca-se que a remissão a esse referente evoca novos objetos de discurso, como *Paulinho*, *Fernandinho* e *Neymarzinho*.

Esses três objetos de discurso fazem parte da mesma cadeia referencial e procedem a partir do referente *Felipão*, que, no mundo empírico, seria o responsável pela escalação dos jogadores mencionados. A relação entre técnico e escalação desses jogadores faz materializar mais uma anáfora associativa na qual os três referentes foram introduzidos a partir da associação entre o referente *Felipão* que, por sua vez, também está associado aos objetos de discurso *esse jogo* e *Brasil e Colômbia*.

Cabe ressaltar, ainda, que o referente *Neymarzinho* é mobilizado em um tom que alude a uma suposta relação carinhosa entre a *Dilma* construída no diário *fake* e o jogador de futebol *Neymar*. Consideramos que essa é uma estratégia mobilizada para contribuir com a veia cômica do texto. Observando as marcas textuais, destacamos que há um paralelismo sintático-semântico entre os referentes anteriormente mencionados (*Paulinho* e *Fernandinho*) e o referente *Neymarzinho*, uma vez que todos estão no diminutivo. Já através de uma operação de contextualização, recuperamos as informações de que o jogador *Neymar* foi considerado um jogador de significativa relevância para a seleção brasileira de futebol na Copa de 2014. Em posse desse conhecimento, podemos interpretar que a presidenta representada no *pseudodiário*, interessada na vitória do Brasil no campeonato, sugere ter uma relação de proximidade e carinho com o jogador que poderia ser um dos responsáveis pela vitória almejada.

Ainda sobre o primeiro excerto, convém frisar a utilização do termo *Aquele bigodinho*, cuja ancoragem é o nome de um jogador anteriormente expresso. Tem-se, nesse caso, a recategorização de um referente, constituído através de uma particularidade (o bigode) de um sujeito específico (o jogador Luís Gustavo). A escolha dessa anáfora está articulada às especificidades de um querer-dizer do texto humorístico, haja vista o fato de a presidenta lamentar a ausência do “bigodinho”, o que parece constituir uma espécie de fetiche no imaginário feminino. Endossando essa ideia, destacamos que a posição de sujeito adotada no texto seria de uma mulher (a presidente *Dilma*) e, com vistas a corroborar o tom satírico do diário, escolhe justamente essa parte do corpo para se referir metonimicamente ao jogador, prescindindo de destacar as habilidades táticas desse atleta. Não é antecipado afirmar que essas estratégias referenciais coadunam-se com o objetivo do texto, qual seja: satirizar a imagem sisuda típicas das autoridades, no caso, da presidente *Dilma Rousseff*, por meio do humor.

Em (02), tem-se a impressão de que a presidente pretende marcar uma reunião oficial com os jogadores que fazem parte da seleção italiana de futebol. Nesse primeiro momento, embora seja algo pouco provável de acontecer, a expectativa é a de que *Dilma* mobilize seu enunciado com vistas a assumir seu papel diplomático e solidário a derrota da Itália na Copa do Mundo de 2014. No entanto, o ponto de vista que se salienta no decorrer do texto é outro. O termo *eles* assume um valor de uma anáfora indireta, na medida em que, embora não haja um antecedente pontualizado (MARCUSHI, 2005), subsiste um modelo cognitivo que nos permite ancorar esse termo, remontando à introdução referencial *seleção da Itália*. Assim, a anáfora (re)ativa o objeto de discurso jogadores da seleção italiana. Conforme insinua os termos antecedentes (a luz de velas) e um trecho de uma canção italiana de feições românticas, é

possível antever que a reunião de que fala a presidenta parece servir a outros propósitos. Essa constatação reitera-se a partir do aparecimento do objeto de discurso *Buffon*, como se já estivesse sido mencionado, o que sugere certa familiaridade entre Dilma e o referido jogador. Para tanto, é necessário saber que se trata do goleiro da Itália que, embora conhecido pela sua competência, deixou escapar um gol da seleção uruguaia e fez a seleção europeia ser eliminada da Copa.

Sobre esse jogador, a presidenta lança olhares indiscretos, fazendo-a esquecer das atribuições profissionais, representadas através da menção à Lobão (Edison Lobão), ministro de Minas e Energia, e manifestar seu desejo de se encontrar com o jogador ao som de uma música romântica que celebra um encontro à luz de velas, brindes com champagne e flertes com a pessoa amada. A expressão de tais posicionamentos não são normalmente esperados por parte de figuras públicas da importância da Presidente da República, o que acentua e corrobora com a hipótese de que a quebra de expectativas causada por pontos de vista forjados deflagra o humor nessas sátiras.

3.2. Descrições nominais como estratégia de retomada de referentes

O emprego de uma descrição nominal, com função de (re)categorização de referentes está atrelado a uma escolha que o produtor do texto empreende, segundo a proposta de sentido do texto (KOCH, 2005). Ao fazer certas escolhas, o produtor do texto deixa transparecer determinadas crenças, conhecimentos de mundo e juízos de valor. No caso do *Diário da Dilma*, faz-se necessário investigar como essas escolhas lexicais são determinantes na constituição do humor. Para tanto, examinemos os excertos a seguir.

(3) 7 DE JUNHO_E precisava **chover** agora no Paraná? **Aquele estado sem graça**, que não cheira nem fede, agora resolveu me dar dor de cabeça. Primeiro, o estádio que não ficava pronto, agora, **essa inundação**. Vou mandar umas fotos jeitosas de Maringá e Cornélio Procópio para o Putin. Quem sabe ele não anexa? (PIAÚÍ, ed.94).

(4) 24 DE MAIO_Era o que me faltava! Jogador de futebol dando palpite na Copa. Subi nas tamancas com o Ronaldo. **Aquele fenômeno adiposo** podia calar a boca e se preocupar só com a forma. Está um monstro! A sorte é que apareceu o ministro do Turismo para me defender. Nem sabia o nome dele. Já pedi mil vezes para o Gilbertinho me atualizar dessas mudanças. Vinícius o que mesmo? Vou exigir crachá para todo mundo. (PIAÚÍ, ed.93).

(5) 24 DE MARÇO_Vou ter que conversar com a Gracinha. Pô, o que ela está fazendo na **Petrobras**? Todo dia pinta um **pepino para eu descascar**. Tenho mais o que fazer. Por mim, a gente fazia uma concessão para passar **essa bagaça** para alguém que entenda do assunto. Se desse encrenca com a opinião pública, bastava repetir o mantra: “Concessão não é privatização.” (PIAÚÍ, ed.91).

Nos três excertos explicitados, a descrição nominal recategoriza determinados objetos de discurso e imprime certos sentidos em função de um querer-dizer. Nessa medida, em (3), a presidenta retoma o objeto de discurso *Paraná* com a expressão *aquele estado sem graça*. Ao fazê-lo, ela constrói esse objeto como sendo um lugar de pouca importância para o país. Daí o estranhamento que essa retomada causa, pois uma dirigente jamais poderia ser referir de tal forma a um dos estados que governa, uma vez que atinge diretamente as pessoas que lá residem. A aversão da presidenta *fake* a tal lugar refere-se justamente à premência em conservar uma

boa imagem para o país no período da Copa, tendo em vista que, além dos problemas enfrentados com o atraso na construção de estádios, a mídia nacional e/ou internacional poderia noticiar a inundação ocorrida no Paraná e prejudicar a imagem do País diante do problema ambiental que afetou a infraestrutura do estado. Neste excerto, a presidenta ainda encapsula todo o período chuvoso que atingiu o referido estado e os problemas dele decorrentes com a descrição nominal *essa inundação*.

Na perspectiva defendida por Koch (2005), os encapsulamentos não só rotulam uma parte do cotexto que os precede, mas ao fazê-lo, criam um novo referente textual, a ser tratado de modo mais específico no texto. A nosso ver, o encapsulamento *essa inundação* preside a continuidade tópica do texto, uma vez que, a partir dessa avaliação da presidenta, ela cogita a hipótese de anexar o território paranaense à responsabilidade do presidente da Rússia, Vladimir Putin, numa analogia aos conflitos desencadeados em regiões da Ucrânia, as quais foram anexadas ao território russo, sob a batuta de Putin, não prescindindo de lançar mão da força armada. Nesse sentido, a referência à Putin e a ideia de que ele poderia anexar o estado do Paraná à Federação Russa gera um efeito cômico de sentido na medida em que dá a entender que o presidente russo poderia anexar qualquer território aparentemente devastado e de que, assim, o estado do Paraná não mais pertenceria ao Brasil e afugentaria as críticas à infraestrutura do País.

Essas informações socialmente compartilhadas e discursivamente (re)construídas assumem uma função essencial na atribuição de sentido para o texto e na construção de um humor sarcástico e corrosivo. As estratégias de referenciação, por sua vez, ancoram-se nestas contingências históricas e contextuais (KOCH, 2005), o que corrobora o fato de os processos referenciais serem uma atividade discursiva por natureza.

Em (04), a descrição nominal *aquele fenômeno adiposo* recategoriza o objeto de discurso Ronaldo, anteriormente mencionado. O humor reside justamente na escolha dessa descrição, que não ocorre de maneira fortuita. Nesse sentido, é necessário lembrar que sobre o ex-jogador de futebol Ronaldo sempre circulou uma série de discursos em torno de sua forma física, antes mesmo dele se aposentar dos gramados. Mais recentemente, o ex-jogador participou de um famoso quadro do programa *Fantástico*, no qual os competidores deveriam perder peso. Essa midiaticização acentuou ainda mais um olhar vigilante sobre o corpo de Ronaldo, daí a recategorização empreendida por Dilma, na intenção de desqualificar a figura do ex-jogador, já que este teria afirmado, numa entrevista, que se sentia envergonhado com o modo como o Brasil estava organizando a copa, poucos dias antes do início do torneio. Observa-se, também, que a referida descrição nominal ancora outros item que igualmente recategorizam de forma satírica o jogador Ronaldo, como a predicação *está um monstro*.

Em (05), a descrição nominal *essa bagaça* encapsula o tópico *Petrobrás* e o fato de que os problemas que acontecem na empresa são encarados pela presidenta como um *pepino para descascar*, recategorizando a empresa e os problemas que enfrenta, conforme um projeto de dizer (KOCH, 2005). Ao retomar o citado tópico com essa descrição nominal, cujos sentidos remetem-nos ao um linguajar informal e debochado, a presidenta demonstra sua impaciência para lidar com os problemas que essa empresa tem causado, em função dos escândalos de corrupção vindos à tona pela mídia, nos últimos meses. Entregar *essa bagaça* a dirigentes que saibam administrá-la parece ser a solução encontrada por Dilma para solucionar as intempéries advindas da Petrobrás, as quais maculam seu governo, principalmente se levamos em consideração que se trata de um ano eleitoral. Mais uma vez, entrevemos as estratégias referenciais não apenas como um recurso que garante a progressão textual, mas também como um mecanismo que agencia os sentidos decorrentes das escolhas linguísticas realizadas, atentando para o caráter satírico pretendido pelo produtor do diário. Nessa lógica, o processo de referenciação, conforme aponta Cavalcante (2013, p.113), “pode ser entendido como um conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelo sujeito à

medida que o discurso se desenvolve, [...], a partir da construção compartilhada de objetos de discurso”.

Considerações Finais

Em nosso trabalho, demos ênfase à observação de dois movimentos essenciais para o processo referencial: a introdução de referentes, que foi analisada a partir da materialização de anáforas indiretas ou associativas, e a retomada de referentes através de descrições nominais. Cumpre destacar que nossa análise foi dividida em duas seções por uma questão didática, mas os processos de introdução e retomada não são desvinculados um do outro, uma vez que a retomada é vista como uma tática que auxilia a progressão textual e assegura a continuidade do foco em um objeto de discurso mencionado (ou não) anteriormente. Conseguimos entender que o sentido do texto pode ser construído a partir de diferentes estratégias que podem ser evocadas a depender das intenções do produtor, pois o texto, conforme salienta Koch (2012), é lugar de interação entre sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, se constitui e são constituídos.

Desse modo, a análise nos conduziu a uma interpretação de que, assim como a estratégia de introdução, a estratégia de retomada está intimamente relacionada à produção do humor. Observamos que, na retomada dos referentes, é comum a ocorrência do processo de recategorização no qual novas representações discursivas são construídas para os objetos de discurso introduzidos. Tendo em vista que o propósito comunicativo desse diário *fake* é gerar o humor, notamos que os processos referenciais demandam um conhecimento do gênero, do enunciador e de seu projeto de dizer.

Além de destacarmos como essas estratégias atuam na construção de sentidos, ressaltamos também a importância de se explorar, além das marcas textuais, o contexto social. Nesse sentido, o interlocutor, dotado de diferentes tipos de conhecimento, negocia os sentidos do texto e, somente a partir dessa troca, o humor consegue ser ativado, a fim de atingir aos objetivos do texto. Por essa razão, reafirmamos o posicionamento de que a referenciação é um processo complexo que aciona diferentes tipos de conhecimento, constituindo-se, assim, numa atividade essencialmente discursiva e interacional. Não se trata, portanto, de uma mera retomada ou substituição de um termo por outro (SANTOS, 2014), mas uma atividade discursiva que se alia a escolhas linguísticas em função de uma proposta de sentido.

Referências

ALVES FILHO, F.; ALEXANDRE, L. R. B. A construção de objeto de discurso nos perfis fakes do Twitter, *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.12, n.3, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v12n3/a06v12n3>>. Acesso em: 15 de maio, 2014.

CARVALHO, P. H.; SARGENTINI, V. M. O. O papel da imagem em “uma revista para quem gosta de ler”: piauí, *Revista da ANPOLL*, v.2, n.27, 2009. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/148/158>>. Acesso em: 01. mai. 2015.

CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

_____; SANTOS, L. W. Referenciação e marcas de conhecimento compartilhado, *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.12, n.3, set./dez. 2012. Disponível em: <

http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1218 >. Acesso em: 15 de maio, 2014.

BENTES, A. C.; ALVES FILHO, F.; RAMOS, P. Enfrentando desafios no campo de estudos do Texto. In: _____; LEITE, M. Q. (Orgs.). *Linguística de Texto e Análise da Conversação: panoramas de pesquisa no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

KOCH, I. V. Referenciação e orientação argumentativa. In: _____; MORATO, M. E.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Flagrantes da construção interacional dos sentidos. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

_____; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, M. E.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PONTES, C. A. A referenciação na produção de efeito de humor no Causo e na Piada: interfaces, E-Hum, Belo Horizonte, v.1, n.1, 2008. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/article/view/370>>. Acesso em 13 de setembro, 2014.

RAMOS, P. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas, *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.12, n.3, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1221>. Acesso em: 15 de maio, 2014.

SANTOS, L. W. Referenciação e ensino: texto e leitura. In: RODRIGUES, M. G.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G. (Orgs.). *Linguística textual e ensino de língua portuguesa*. Natal: EDUFRRN, 2014. (Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, v.

